

Colombiano confirma torturas em Tabatinga

Ricardo Miranda Filho

TABATINGA, AM — O controlador de voo colombiano Ruiz Alfonso Martinez, pai do estudante Elber Martinez, de 16 anos, confirmou que seu filho foi torturado por soldados brasileiros ao ser preso na última quarta-feira, por um destacamento do 1º Batalhão Especial de Fronteira, na divisa com a Colômbia. Ruiz prometeu processar o Exército brasileiro se não forem devolvidos os materiais de garimpo de Elber e outras três pessoas, detidas quando subiam de barco o Rio Traíra.

Muito emocionado e demonstrando com gestos as formas de torturas a que seu filho foi submetido pelos soldados brasileiros, Ruiz garantiu ter ouvido do filho que também sofreu maus tratos durante depoimento na sede do Batalhão, em Tabatinga. Na ocasião ele teria sido ameaçado com revólveres apontados para sua cabeça, numa intimidação para que confessasse ser um guerrilheiro colombiano.

O relato de Ruiz, ouvido do filho, confirma a mesma versão apresentada por Gerardo Forero, de 26 anos, Carlos Moreno, de 20 anos, e Rubbel Calderon, de 17 anos. Todos foram presos quarta-feira última por uma patrulha do Exército brasileiro. De acordo com o depoimento ouvido de Elber, os quatro colombianos saíram no dia primeiro deste mês, de barco, da cidade colombiana de La Pedrera, onde todos moram, para cumprir um contrato de transporte de equipamentos para o garimpo, assinado com o governo daquele país.

Os colombianos aparentemente não sabiam que três dias antes um destacamento do Exército brasileiro havia sido atacado por um grupo de 40 colombianos. O ataque resultou na morte três soldados brasileiros e provocou o início de uma temporada de caça a todos os garimpeiros colombianos vistos próximos aos postos de fronteira do Exército brasileiro. As 17h30 da última quarta-feira, os quatro vinham cantando pelo rio quando foram surpreendidos por apitos de soldados brasileiros que faziam uma batida na área.

A tropa do Exército fez com que o grupo colombiano encostasse o barco e acabaram presos sob a mira de rifles apontados para suas cabeças. Os quatro tiveram seus olhos vendados com suas próprias camisas e amarrados com uma corda que ligava os pés e as mãos à cabeça. Os colombianos tiveram assim

de permanecer encolhidos para não serem estrangulados pela corda.

Metralhadoras — Ainda segundo o relato de Ruiz, a violência prosseguiu na madrugada de quarta para quinta-feira, quando tiveram de dormir com os olhos vendados dentro de um buraco próximo ao destacamento, em Traíra. Os colombianos garantiram que tentaram mostrar suas identidades e uma guia de autorização para circular no Rio, mas os soldados não quiseram ouvir. A cada 30 minutos era disparada uma rajada de metralhadora sobre as suas cabeças, inibindo qualquer reação. "Eles passaram a noite ouvindo a canção das metralhadoras", definiu Ruiz.

No dia seguinte todos foram jogados em um helicóptero do Exército. Em nenhum momento qualquer dos quatro recebeu água ou alimentos. "Foi uma covardia fazer isso com um menino. Um homem desarmado, que não sabia ao menos o que estava acontecendo", disse Ruiz. Quando foram levados para um interrogatório, no quartel do Batalhão Especial de Fronteira, em Tabatinga, os quatro colombianos foram, segundo o depoimento de Ruiz, ameaçados de morte se não confessassem ser guerrilheiros. A cena descrita pelo filho revela uma roleta russa.

"Eles deram um revólver ao meu filho e mandaram ele mirar na cabeça. Havia também metralhadoras, duas delas encostadas na sua testa. Mandaram o garoto contar até cinco e atirar em seguida. Elber contou até quatro e apertou o gatilho", relata Ruiz. A arma estava descarregada, mas provocou no menino um ataque nervoso: "Esse garoto é macho mesmo". Pode levar ele embora", teria dito um dos soldados brasileiros. Cada um dos garimpeiros colombianos foi interrogado separadamente. Somente às 19h da quinta-feira as autoridades colombianas de Letícia foram informadas da prisão dos quatro. "Agora todos os garimpeiros colombianos estão com medo dos soldados brasileiros", conta Ruiz.

Na opinião de Ruiz não existem guerrilheiros dentro do garimpo de Puerto Nuevo, na fronteira com o Brasil. O temor que tomou conta dos garimpeiros colombianos na fronteira, com receio de cruzarem com alguma patrulha do Exército brasileiro, foi confirmado pelo ex-garimpeiro Johnny Zumaela, 22 anos, dono da loja Guevara, que vende material para garimpo em Letícia. Para Johnny, que trabalhou no garimpo até o ano passado, "todo mundo sabe que é *fria* cruzar com a tropa brasileira".